



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares

GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação
Interdisciplinar de Professores

DISCURSO FEMINISTA NAS TIRINHAS DA MAFALDA - LITERATURA, LINGUAGENS, DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES QUE DESAFIAM O MACHISMO ESTRUTURAL

FEMINIST DISCOURSE IN MAFALDA STRIPS - LITERATURE, LANGUAGES, DISCOURSES AND REPRESENTATIONS THAT CHALLENGE STRUCTURAL MACHISM

Priscila Gambarra de Souza Portocarrero ¹
Janete Rosa da Fonseca ²

RESUMO

Ao longo dos anos obtivemos enquanto sociedade muitos avanços, mas ainda nos falta chegar ao lugar ideal quando falamos de feminismo. Ainda temos um longo caminho a ser percorrido em busca de igualdade de gênero, de liberdade para as mulheres, para serem e estarem onde quiserem. Somente por meio de educação e políticas públicas que sejam favoráveis às mulheres no mundo todo é que conquistaremos esse objetivo. Trazendo as tirinhas da Mafalda pretendemos dar mais visibilidade a esse tema por meio de pesquisas. Para as mulheres galgarem lugares mais prósperos para suas vidas faz-se necessário também a conscientização de que é possível, através de informação e histórias já vividas, questionadas por nossas antepassadas é possível lutar pelo seu lugar de direito.

Palavras-Chave: Feminismo, Gênero, Igualdade, Pertencimento.

ABSTRACT

Over the years we have made many advances as a society, but we still need to reach the ideal place when we talk about feminism. We still have a long way to go in search of gender equality, freedom for women, to be where they want. Only through education and public policies that are favorable to women around the world will we achieve this goal. By bringing Mafalda comic strips, we intend to give more visibility to this topic through research. For women to reach more prosperous places in their lives, it is also necessary to raise awareness that it is possible, through information and stories already lived, questioned by our ancestors, to fight for their rightful place.

Keywords: Feminism, Gender, Equality, Belonging.

¹ Mestranda em Estudos Culturais, UFMS, prigambarra89@gmail.com

² Doutora, UFMS janete.fonseca@ufms.br



1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda referente ao cotidiano de uma mulher, que normalmente é seguido por muitos olhares e julgamentos machistas. Onde as suas escolhas e caminhos percorridos são em sua grande parte questionados, mas o que nos faz diferentes de homens? Por que há necessidade em colocar mulheres em uma caixinha, onde ela será totalmente controlada e observada?

Essa pauta é tão retrógrada num período em que homens e mulheres necessitam trabalhar para sua sobrevivência, porém ainda constante o controle sobre o corpo feminino. As pessoas perderam a noção e falam abertamente sobre o que uma mulher deve ou não fazer, ou mais, o que ela fez e faz de errado. O que ainda vemos nos dias atuais são mulheres sendo colocadas no lugar de subserviência.

Meninas ainda sendo educadas para fazer o serviço doméstico, limitado, como impedimentos constantes do que deve fazer em seu “papel de mulher”, bloqueadas pelo patriarcado que dificulta sua vida em sociedade, onde a mulher ainda tem imagem de sexo frágil e vulnerável. Contudo os meninos crescem em lugares e com exemplos de normalidade desse machismo imposto, que para ser “respeitado” por essa figura feminina, se faz necessário inferiorizá-la.

Esse lugar de subalternidade ainda existe e aguarda uma mulher que não consiga se desvencilhar desses paradigmas que são construídos diariamente, como por exemplo em casa ou impostos pela sociedade. “Reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido” (Spivak, 2010, p. 12).

Vemos isso também na literatura, as famosas tirinhas da personagem Argentina Mafalda apresentadas no livro *Feminismo Singular*, lançado em 2020, após a morte de seu autor. Mafalda questiona a mãe, porque ela não tem títulos acadêmicos, apenas trabalha no lar e de certa forma desfazendo de sua mãe. Que após um tempo responde que foi sua escolha, que se ela não tivesse se casado, Mafalda não existiria. Sua mãe abriu mão de seus estudos e a pequena se sentia culpada e ainda sem acreditar na desistência de sua mãe que optou pela família.

A família de Mafalda pode ser caracterizada como tradicional: o pai que trabalha fora, a mãe dona de casa, ela, estudante, e o irmãozinho mais novo. Por eles, a menina não esconde sua decepção, construindo duras críticas, principalmente contra a mediocridade da mãe, como veremos nas tiras. As análises deste estudo vão entrar nesse horizonte familiar para entender as relações sociais e históricas inter-relacionadas na produção dos sentidos. (Silva, 2011, p.275).



Dito isso, sabe-se que estamos falando de uma família “tradicional”, que tem como protagonista uma pequena menina, que observa os acontecimentos em sua volta e se depara com questões sobre o feminismo. Tal proposta foi elaborada pelo cartunista e criador das séries de tirinhas da Mafalda, Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, nascido e criado em Mendoza, filho de imigrantes espanhóis. Deixou a faculdade de Belas Artes para ser cartunista e se mudou para Buenos Aires, pois queria fazer suas publicações.

Portanto, o presente trabalho analisa questões femininas, voltadas para as linguagens, discursos e representações que enfrentam uma sociedade patriarcal, misógina e política opressora. A metodologia usada é bibliográfica, conversando com autores a partir dos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, tal qual: Cevalco (2003), Spivak (2010), Hall (1997) dentre outros.

2. MAFALDA E O FEMINISMO

A pequena questionadora e ativista foi criada de forma despretensiosa em 1964. A princípio para uma propaganda de eletrodomésticos (que não deu certo), com isso os seus desenhos foram engavetados por um tempo. Em 1973, o artista ficou exilado com a esposa em Milão, por conta da ditadura militar. Mas foi nesse período que as suas tirinhas da Mafalda ganharam o mundo, o cartunista nem mais as fazia naquela época, ele já estava se dedicando a outros trabalhos.

Mafalda, uma garotinha feminista, questionadora, politizada. Que se importava com o lugar que as mulheres podiam e deviam ocupar. Ela era curiosa e indagadora, muitas vezes interrogava os seus amigos e os adultos que ela convivia. Com a certeza que podia alçar grandes voos e que não é necessário fazer uma única escolha na vida, que podia optar por não seguir o caminho que os outros entendem que é o correto para ela e as demais meninas.

Por apresentar leituras bastante complexas, veremos como a o sujeito-criança-mulher-moderna e o sujeito-mulher-moderna-tradicional constrói sentidos em contraste para a questão da luta por maiores direitos às mulheres na formação social do ponto de vista do capital e que é uma polêmica também da contemporaneidade. Nessa relação entre discursos observamos a relação entre posições-sujeito no âmbito de determinada formação discursiva que nomearemos de Formação Discursiva Feminista que produz sentidos não de forma isolada, pois faz parte de um complexo de formações discursivas sempre em constante movimento na formação ideológica (Silva, 2011, p.278).

As mulheres têm códigos de pertencimento distintos, mas mesmo assim o feminismo tem que levar em conta todos os marcadores sociais. A centralidade da cultura, ressaltada por



Hall têm uma dimensão epistemológica, que vem sendo denominada “virada cultural”, no sentido substantivo, empírico e material da palavra (Hall, 1997, p. 17), referindo-se a esse poder instituidor de que são dotados os discursos circulantes no circuito da cultura, que transformando nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo (Hall, 1997).

Desde o entendimento de que os discursos constituem-se como redes de significações. A análise de Hall (1997) sobre o conceito de representação é motivada pela investigação sobre a forma como se constrói o significado. De acordo com o autor, os significados culturais têm efeitos reais e regulam práticas sociais. O reconhecimento do significado faz parte do senso de nossa própria identidade, através da sensação de pertencimento.

O cotidiano está envolvido em outras formas de pensar, perceber, ver, estar nessa sociedade como uma mulher. Partindo desse pensamento, sabemos que cada mulher é única e com isso, as suas histórias também são. Os sujeitos e sujeitas são inundados pelo meio em que vivem, para que essa realidade mude é preciso buscar formas de mudar pensamentos e estimular o pensamento crítico independente do sexo, idealmente mais cedo possível.

A pedagogia pós-moderna, entretanto, exige uma atenuação da divisão entre "alta" e "baixa" cultura e uma atenção intensificada à leitura de imagens, com vistas à aquisição de um alfabetismo crítico no domínio da cultura de massa. A publicidade é meramente uma parte das indústrias culturais, que incluem o rádio, a televisão, o filme, a música, os desenhos animados, as revistas em quadrinhos e os outros artefatos da assim chamada cultura popular. Métodos críticos de leitura têm sido desenvolvidos em vários desses domínios e o ensino de um alfabetismo crítico em relação à mídia deveria se tornar parte central de um currículo educacional progressista. Os artefatos da indústria cultural têm assumido um poder cultural enorme. Eles são parte do aparato cultural que tem produzido uma crescente privatização, comercialização e retificação de nossa cultura, que tem levado a um declínio da individualidade, da comunidade, da cidadania e da democracia (Kellner, 2003, p.125).

A partir de lentes que vão compreender os discursos sobre feminino, atravessados pelas questões culturais, sociais, históricas que as narrativas das tirinhas da Mafalda proporcionam para quem as consome. Cevasco (2003) nos diz que:

A expansão da quantidade de meios de produção cultural possibilitou a percepção clara de uma qualidade definidora desses meios, ou seja, são práticas de produção que fazem uso seletivo de meios materiais como, para dar alguns exemplos, a linguagem, as tecnologias ou meios eletrônicos de comunicação, a fim de dar formas aos significados e valores de uma sociedade específica. (Cevasco, 2003, p.69).

Portanto, as tirinhas de Mafalda foram relevantes para despertar em mulheres, na sociedade, que a “linguagem dos cartuns” podiam alcançar grandes proporções positivas para



as feministas. “Na conjunção histórica atual, de uma sociedade cujas técnicas e abrangência dos modos de veiculação de imagens atingem um alto grau de desenvolvimento, a análise e o esclarecimento dessas formas podem constituir um modo eficiente de luta”. (Cevasco, 2003, p.70).

3. AS NECESSÁRIAS MUDANÇAS: TIRANDO A VENDA

Pensando que as experiências das mulheres são diversas, faz-se necessário um olhar diferenciado para elas. Bell Hooks em seu livro “O Feminismo é Pra Todos” (2018), explica que existe a necessidade de entender que nem todas as mulheres são atingidas com os benefícios da luta feminista. No início do movimento, lutavam pelo direito de trabalhar sem autorização dos maridos, pais ou irmãos mais velhos, pelo direito de ir e vir.

Mas sabemos que mulheres negras trabalhavam para sobreviver, ajudar a manter suas famílias, logo vemos que elas estavam às margens do movimento. Era preciso, pensar em políticas que atendessem a todas, e esse seria um movimento de olhar umas para as outras, de escuta, levando em consideração as diferenças em cada realidade.

A sororidade vem sendo uma palavra muito falada na sociedade atual, visto que, muitas mulheres vem se atentando em dar as mão umas para as outras. Fomos criadas em uma sociedade machista e que sempre aplaudiu as disputas entre mulheres. O que podemos ver diariamente em nosso cotidiano, trabalho, família e isso também é muito replicado nas teledramaturgia desde de sempre. Ainda assim, pouco se faz para diminuir drasticamente esse ataque que vem de mulheres para mulheres.

Existe sempre a necessidade de ser a primeira, de estar melhor vestida, de ter a melhor colocação no mercado de trabalho, condição financeira, casa e família mais bem estruturada e linda, aquela famosa “família margarina” sempre assombrou as mulheres. Porém, muito alimentada pela sociedade.

Para que isso mude, para que possamos e tenhamos novos caminhos, para que as meninas cresçam sem essa pressão de competir com suas amigas, primas e mulheres em geral, é importante que isso se faça na educação dentro de casa e escolas. Esse cenário é passível de mudanças, cada dia podemos mudar a forma de pensar das pessoas e mudar a sociedade como um todo.

Vemos mesmo depois de tantas lutas femininas, conquistas foram alcançadas, porém ainda existe muita vulnerabilidade em ser mulher. E uma necessidade de ainda, ir à luta, ir para ruas, reivindicar os direitos de viver, de estudar, de liberdade. As violências que as mulheres ainda sofrem por serem mulheres. Butler (2018) traz questões muito pertinentes a esse tema, a



vulnerabilidade do corpo do feminino, as muitas questões que assolam como a pobreza e analfabetismo.

Obviamente existem boas razões para argumentar em favor da vulnerabilidade diferenciada das mulheres; elas sofrem de maneira desproporcional com a pobreza e o analfabetismo, duas dimensões muito importantes de qualquer análise global das condições das mulheres (e duas razões pelas quais nenhuma de nós será “pós-feminista” até que essas condições sejam completamente superadas). (Butler, 2018, p. 95).

Diante dessa premissa, se vê que a mulher ainda sofre com o desproporcional quando o assunto é a diferença entre as mulheres e os homens. No entanto,

por mais importantes que esses apelos possam ser, eles fornecem uma linguagem limitada para entender formas feministas de resistência que são populares e extralegais, a dinâmica dos movimentos de massa, as iniciativas da sociedade civil e formas de resistência política informadas e mobilizadas pela vulnerabilidade. (Butler, 2018, p. 96).

4. ESTUDOS FEMINISTAS E A LITERATURA

Sabemos que a literatura é uma das melhores e mais antigas formas de comunicação, no passado não era permitido que mulheres soubessem ler e escrever, após essa conquista, não nos era permitido escrever um livro de autoria feminina. Algumas para alcançarem seu objetivo, inventaram pseudônimos masculinos para que pudessem ter seus livros publicados.

Para elas eram reservados livros de receitas culinárias e afins, nada que pudesse fazer crescer intelectualmente. Trouxemos mais acima a personagem Mafalda, também uma forma de divulgar a luta feminista no cenário e uma forma de impactar crianças e jovens por seus questionamentos. O que vemos na literatura ainda é pequeno, tanto no contar as histórias das ações feministas desde o início do movimento, tanto com a representatividade feminina que já caminhou mais está longe de se equiparar a autores do sexo oposto.

Mafalda tornou-se um símbolo de representação de liberdade de expressão, de escolhas sociais e culturais e de luta pela emancipação feminina. Na época, a cultura latino-americana mantinha alguns padrões determinados para as mulheres que deveriam ser exemplo de perfeição em relação à beleza, ao zelo com a família e nos cuidados com lar. O papel social da mulher era o de dona de casa, mãe e esposa. Mafalda questiona esses padrões sem os desprezar, mas propondo outros comportamentos e novos caminhos. Isso ela faz sem abandonar esse ‘modelo’ determinado, mas tenta mostrar outras possibilidades de crescimento intelectual e cultural, bem como de encontro da mulher com a sua própria identidade. Mesmo sendo criada para o público infantil, por essas características, Mafalda pode ser considerada leitura para adultos (Silva, 2011, p.285).



Já podemos imaginar que chegar à universidade foi um longo percurso, para uma mulher por si só já seria um grande desafio, agora para mulheres negras, esse seria um ainda maior, encontrar na academia pessoas racistas e intolerantes com encontros frequentes em salas de aula como nos traz Hooks (2020) em seu livro *Ensinando pensamento crítico*.

Quando cheguei à faculdade, fiquei realmente abismada ao encontrar professores que pareciam ter como principal fonte de prazer na sala de aula o exercício do poder autoritário, esmagando nossos espíritos e desumanizando nossa mente e nosso corpo. Escolhi frequentar a Universidade Stanford, uma faculdade predominantemente branca (sobretudo porque as alternativas de financiamento estudantil eram melhores que as oferecidas por instituições para negros), mas em nenhum momento pensei em como seria estudar com professores racistas. Mesmo tendo cursado o ensino médio com professores abertamente racistas que nos desprezavam e eram indelicados, eu havia romantizado a faculdade. Acreditei que seria o paraíso do aprendizado, onde estaríamos todos tão ocupados estudando que jamais teríamos tempo para as coisas mesquinhas deste mundo, muito menos para o racismo (Hooks, 2020, p.21).

Os desafios para mulheres ainda são um obstáculo para sua sobrevivência, as violências vividas pelas mesmas diariamente, em casa, na rua, na universidade, tendo seu trabalho diminuído, seu corpo objetificado, sua autoestima negada, violência patrimonial, que faz com que mulheres não consigam sair de um ciclo vicioso de violência, sem conseguir ver a luz no fim do túnel. Não é tarefa fácil vencer, mas é necessário não desistir e acreditar em ações, no movimento e em um crescente de conscientização e educação de todos para com essa temática tão relevante para a sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho ressaltou a importância de falarmos sobre as mulheres e seu papel na sociedade, a mulher vedada, castrada, violada, diminuída, excluída e calada, através de uma personagem conhecida por “Mafalda”, menina que ousava falar sobre a diferença entre o “papel do homem e da mulher” na sociedade.

As explanações de autoras que corroboram com a luta do feminismo, salientando o quão é pertinente a busca por um posicionamento perante o patriarcado. Que mesmo diante de tantas torturas do corpo dessa mulher, ainda é válido continuar através de literaturas, discursos e representações.

Essa é uma temática sensível e por precisar ainda mais de estudo e divulgação, faz se necessário a continuidade, para que mais pessoas tenham acesso a essa causa, conhecimento e



homens, não queremos seus espaços, apenas queremos ter o nosso direito respeitado. Lutamos para que mais pessoas independentemente do sexo, compreenda e também lute, questione quando perceber injustiças que são feitas diariamente com mulheres no mundo todos, apenas por serem mulheres.

Nas palavras de Colling (2014), vemos claramente traduzida essa situação, vivemos tempos diferentes, mas ainda existem discursos iguais, porque eles são construídos a partir de uma categoria binária. É visível que a sociedade vem passando por diversas mudanças, mas, ainda há muito a ser feito e conquistado. Justamente por isso a importância de se falar mais sobre o tema, divulgar, publicar e a academia tem papel fundamental nessa jornada.

Em suma, ressaltar que as tirinhas de Mafalda foram de grande contribuição para pensarmos na mulher como protagonistas de suas próprias histórias. Que esse corpo feminino necessita ser cuidado, respeitado e zelado. que diante de uma configuração machista estrutural, temos espaço e podemos oferecer mais que um pedaço de carne em exposição.

6. REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. In: BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 75-109

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 22, n. 02, p. 15-46, 1997.

HOOKS, Bell. **O Feminismo é para todo mundo, políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática**. Editora Elefante, São Paulo, 2020.

KELLNER, Douglas. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 103-129.

SILVA, Carla Letuza Moreira e. **Mafalda e a emancipação feminina**. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação* ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 5, n. 3, p. 269-286, set./dez. 2011. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/2779>. Acesso em 01 de julho de 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.